

daquilo que a Europa efectivamente é. E a concepção do general de Gaulle? ara ele a França tem ainda a sua função a desempenhar no mundo: estamos perante uma concepção historicamente anterior a qualquer das outras duas. O chefe da em missão. Referindo-se à Alemanha falava da sua vontade de dominar e fechava redacção do jornal Nation fala a este respeito em nação milenária, em vocação, o assunto dizendo que em todo o caso se tratava de um país de formação recente (Bismark). A Itália deve a sua formação a Napoleão e a alguns homens abertos às ideias da Revolução Francesa. A Bélgica é bilingue e só foi criada em 1830. Quanto aos Holandeses, tratava-se dum povo de comerciantes e de escravagistas. Por todas estas razões, não pode a França desonrar a sua alta missão deixando-se diluir neste mar de indignidades e de povos mais do que suspeitos. Napoleão não diria melhor.

A questão, actualmente, e em termos concretos, reduz-se fundamentalmente a isto: aproxima-se o dia em que as decisões do Mercado Comum serão tomadas por maioria (e não por unanimidade como actualmente); nesse dia o supra-nacionalismo terá lançado as suas raízes e o general de Gaulle reduzir-se-á a um simples voto. Daí, aquilo a que alguns chamaram uma tentativa de sabotagem na reunião em que se deram as desavenças. O raciocínio é este: retirando o representante francês, fica o Mercado Comum paralizado, porque só pode deliberar por unanimidade. Logo, a evolução para o supra-nacionalismo fica travada enquanto o governo francês o desejar. Este raciocínio é corroborado ainda pelo facto de a França ter já recebido muitos benefícios do Mercado Comum e não lhe convir, obviamente, abandonar pura e simplesmente a organização, para não referirmos o mau efeito que semelhante medida faria no resto da Europa e na própria França. Com uma política hábil, fazendo-se rogado, o governo francês conseguiria impor mais alguns dos seus pontos de vista.

Se este raciocínio se aproxima da linha de pensamento adoptada por Paris, convém, no entanto, pôr-lhe algumas restrições. Não é verdade que a actual crise haja sido premeditada e querida para esta sessão em concreto. Ela surgiu quando foram levantadas duas questões de importância vital para a França: o financiamento da política agrícola e a questão dos poderes do chamado parlamento europeu. Os outros governos, e em especial o holandês, sustentavam que os direitos aduaneiros nacionais deveriam reverter para um fundo comum que seria uma espécie de orçamento embrionário da futura Europa e, por outro lado, insistiam na extensão dos poderes da assembleia de Estrasburgo. O governo francês, através do seu representante, respondeu que o financiamento da política agrícola nada tinha a ver com essas questões (delicadas) e que devia, portanto esse assunto ser tratado em separado. Os outros representantes, reconhecendo (ou julgando reconhecer) nessa argumentação mais uma manobra dilatória dos franceses, insistiam na inseparabilidade das diversas questões. Daí a decisão do governo de Paris de «convidar» o seu representante a regressar a França, de se abster de participar, até nova ordem, em qualquer reunião dos Seis.

A partir desta análise pode facilmente concluir-se que tanto a posição francesa, como o próprio Mercado Comum contém em si contradições que, embora diferentes têm a mesma origem. A França não deseja, pelo menos imediatamente, passar da união estritamente económica e rejeita portanto o supra-nacionalismo; contradição evidente, uma vez que, como nota Duverger, um Mercado Comum não pode hoje em dia funcionar sem uma política conjuntural multilateral, para o que carece de uma autoridade comum que não pode, validamente funcionar sem uma certa medida de integração. Quanto à Comunidade Económica Europeia, o seu erro consiste em tentar uma política para que a Europa não está preparada (o caso francês o demonstra) e, sobretudo, dirigida por moldes que podem deixar dúvidas no espírito de muita gente.

Por outro lado, o chamado perigo russo parece hoje muito diminuído. Na outra margem do Atlântico, os Estados Unidos, que à primeira vista seriam os primeiros prejudicados com uma Europa auto-suficiente, apoiam a integração europeia. Por seu turno, a França parece decidida a dizer a última palavra em todos os assuntos, embora pela porta das traseiras vá cedendo em alguns pontos. Desapareceram, além do entusiasmo inicial, alguns dos imperativos que tomaram urgente a formação da Europa dos Seis. Os próximos meses serão determinantes e só pelo desenrolar dos acontecimentos se poderá fazer um prognóstico seguro sobre o futuro do Mercado Comum, embora pareça desde já previsível que essa Europa em que alguns depositam tantas esperanças deva permanecer na sua infância económica ainda por algum tempo.

Provas remetidas à Censura

em/ 9-8 /65

Prova n.º 2

Saída em 28/6/65



SERVIÇOS DE CENSURA
 (SÉDE)
 AUTORIZADO
 GOM
 CORTES

A GUERRA DO PELOPONESO TERÁ LUGAR?

O TEMPO E O MODO N.º 28

Provas remetidas à Censura

em/ 9-8 /65

Prova n.º 3

Saida em 28/6/65

EM tempo de Tucídides de Atenas as guerras ou as hostilidades partidárias influíam decisivamente na História, pode-se dizer sem exagero que os Helenos eram responsáveis no mais alto grau perante as posteridades, a civilização dependia da sorte de uma batalha.

O nível trágico de uma Electra ou de uma Medeia veste as roupagens da época e, se bem que o sr. Papandreous seja o porta-voz do povo e o rei Constantino personifique um Júpiter decadente, as tragédias modernas são menos nítidas, menos explosivas, embora uma autêntica tragédia menor se represente na Grécia. O coro é a função dos jornais da esquerda, do centro e da direita, e as responsabilidades dos principais papéis cabem ao sr. Papandreus como leader democrático, ao rei fruto de uma monarquia recente como os nossos viscondes do tempo do rei D. Luis e ao sr. Athanasiadis Novas, como presidente da Assembleia Nacional, e a esse actor invisível que é o povo grego.

Depois da questão com o sr. Garoufalias antigo ministro da Defesa, Papandreus demitido, os jornais da direita e do centro denunciaram pormenorizadamente as actividades de André, filho de Papandreus, considerado um dos responsáveis da organização clandestina «Aspida» que prepararia um «complot» militar contra o palácio. O rei acusou Papandreus de ter posto entaves à inquirição judiciária sobre o assunto «Aspida», de ter pretendido que o funcionamento das instituições democráticas estava ameaçado e ter intencionalmente levantado o problema constitucional. Os jornais da direita bombardeiam Papandreus e os de opinião moderada defendem-no (poucos) ou atacam-no com os mesmos argumentos da direita. Em resposta os jornais democráticos põem a questão do sr. Papandreus, um modelo de incisividade: «É o rei ou o povo que governa?». Esta pergunta explica o problema Grego — tornou-se inevitável a escolha com carácter de urgência impôs-se a necessidade de um plebiscito nacional.

O Grego médio desce à rua em manifestações de apoio à política de Papandreus este, encontra-se decidido a encetar «uma luta irreductível» em prol da democracia. A crise política Grega tornou-se uma crise de regime. Por um lado a opinião dos jornais moderados preconiza uma política de centrismo, por outro, as forças da direita, pretorianas do regime e semelhantes, propõem a adopção de uma linha dura que colide com as possibilidades de exprimir a opinião de uma grande parte do povo Grego; assim, nos comícios de apoio a Papandreus, o almirante Toumbas (ministro do Interior) deu ordens para efectuar uma clássica repressão policial em que ficaram feridos dezenas de manifestantes, alguns em estado grave.

Neste ambiente tenso o rei denuncia que «a minha decisão de continuar firmemente ligado ao meu juramento não cederá em caso algum». Estamos diante de um exemplo típico de facções irreductíveis explicável pelo facto de a Grécia ser um país cristalizado há cerca de vinte anos.

O almirante Toumbas disse «que a ordem seria mantida a todo o custo» mas os partidários de Papandreus como protesto contra uma ordem imposta pela violência responderam com uma manifestação dizendo que «isto não passa de um aviso». Dias depois no estádio Panathanaikos houve uma colossal manifestação promovida pela E. D. A. contra o «putsch» real. Vários oradores convidaram as massas populares para imporem novas eleições. Co mefeito os «meetings» sucedem-se, ter ou não ter rei, eis a questão.

O sr. Athanasiadis Novas, novo primeiro-ministro, exclui do seu gabinete os elementos da extrema direita e apresenta-se conciliador propondo a união dos partidos do centro, proclamando-se fiel aos princípios que nortaram o antigo governo. O sr. Athanasiadis Novas, jornalista e advogado na juventude, eleito deputado em 1926, foi ministro do Interior do governo de Pastiras em 1945, e da Instrução Pública nos governos de Pastiras e Sófocles Venizelos. Em 1955 foi sucessivamente ministro da Indústria, ministro da Imprensa e, finalmente ministro-adjunto à Presidência do Conselho no primeiro governo de Papandreus em 1963.

Aliada à sua carreira política o sr. Novas seguiu uma carreira artística. Poeta



Provas remetidas à Censura

em/ 9-8/65

Prova n.º

Saída em 28/6/65



e escritor com prestígio (em certos meios) da Academia de Atenas, da qual é o actual presidente; em suma, o sr. Novas é uma espécie de Disraeli. Resta saber se Disraeli concordaria em ser uma espécie de Novas.

A solução do problema Grego por meio de uma política de centrismo é eminentemente teórica, uma verdadeira máscara sobre o nó do problema dadas as convulsões em que a Grécia se agita. Um governo apenas em teoria centrista já que se encontra aliado a medidas repressivas extremamente duras não é por certo o governo que a GGrécia espera e merece. Quais são os turcos de agora? É preciso imaginar Byron vencedor.

O sr. Athanasiadis Novas numa mensagem ao povo Grego afirmou: «O rei encarregou-me de formar o novo governo do partido da União do Centro. Aceitei o mandato com plena consciência da gravidade das circunstâncias. A minha ambição é servir com todas as minhas forças a nação e a democracia, pels quais combati durante a minha longa carreira política, e o meu único desejo pessoal é retirar-me do poder assim que a minha missão esteja cumprida». Pelo exposto, com razoável lucidez, o sr. Novas apresta-se a enfrentar o trágico ambiente Grego. É a altura de perguntar o que valem as palavras em política e, sobretudo, o que valerá uma política só de palavras.

Numa das suas mensagens ao povo Grego Papandreous afirmou: «O governo do povo foi constrangido a demitir-se. A maneira pela qual o poder foi tomado pelo governo de Pantins tomou o carácter de um golpe de estado grotesco. Denuncio diante do mundo democrático do nosso país esse grupo de traidores. Chamo-vos a manifestar-vos pacificamente contra eles. Dou-vos a garantia da nossa volta pois representamos a vontade do povo soberano. A partir de hoje começa uma luta inexorável a favor da democracia.» Mais adiante disse: «Povo democrático da Grécia, trabalhadores e povo laborioso, camponeses que responderam a meu amor, chamo-vos todos de novo para vos mobilizar debaixo da bandeira da verdadeira democracia». No fim desta mensagem fez u mapelo à juventude. «É vós, jovens, que vibraís com os ideais da democracia e que fostes os pioneiros da luta inexorável, convocô-vos de novo sob as pregas da nossa nobre bandeira e venceremos. Voltaremos muito em breve, de novo, rtiunfadores. A democracia vencerá.»

A democracia nasceu na Grécia, os seus herdeiros num e noutra campo reinvidicam-na. «W ords words words». Quem são os legítimos representantes dessa formidável tradição que abre as maiores perspectivas para a modernidade Grega? Democracia de facto ou democracia de palavras? A Grécia volta a ser um nome de guerra. Em Atenas a verdadeira pergunta é esta: A guerra do Peloponeso terá lugar?

M. C. H.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES



MITO, CIÊNCIA E ÉTICA DO SEXO

É um facto e é um facto novo e importante o lugar que a sexualidade hoje ocupa, como objecto de estudo e como problema. É finalidade deste artigo indicar alguns dos motivos que contribuíram para essa situação, bem como examinar o significado dela.

O mais importante desses motivos é, sem dúvida alguma, a tomada de consciência da diversidade de atitudes assumidas em cada época da humanidade e por cada cultura face à sexualidade.

É importante que esta expressão nos não iluda: «face à sexualidade» é coisa que só tem sentido para nós, pois que efectivamente a sexualidade é um objecto que está diante de nós, em relação ao qual guardamos certas distâncias, quanto mais não seja para as determinar. Aquilo a que chamamos sexualidade não é apenas o apetite sexual, mas sim todo os avatares de que este se reveste conforme foi satisfeito ou reprimido, xaltado ou condnado; é também o sistema de regras que lhe orientam a prática e o sistma de valores qu promove essas regras. Numa palavras, é um conjunto em que podemos aperceber fenómenos biológicos, psicológicos e sociológicos, mas cuja unidade nos parece ser assegurada pela força da sensualidade em todos nós.

Contudo, para quem vive esses fenómenos em vez de sobre eles reflectir, a sexualidade não é um sector determinável e, menos ainda, um princípio de explicação. Esses sabem apenas que têm desejos, que encontram resistências ou proibições, julgam-se ou sentem-se julgados. Pelo contrário, falar de sexualidade como dum princípio unificador de experiência, tão diversas quais as que enunciámos, é já preparar uma teoria: só põe problemas, aquele que lhes pressupõe a solução, e é já uma solução o pensar que a sexualidade é um problema que a vida põe a qualquer sociedade.

O que se afigura digno de nota é antes que cada sociedade aborde esse problema de uma forma diferente. O museu imaginário das formas da vida sexual não deixou ainda de nos espantar. Apenas que essa diversidade só tem sentido pela unidade, e sabemos hoje que a antropologia cultural, sem atenuar por pouco que seja essa diversidade, acentua principalmente o universal humano que através ela se exprime. Se a sexualidade é um imperativo vital, podemos procurar o que é comum às diversas formas de que se reveste através dos tempos e dos espaços, tanto mais quanto é certo que se quiséssemos seguir o fio da história depressa nos perderíamos. E o que é comum a todos os homens é a procura de um sentido para tudo aquilo que lhe sucede, sentido que começam por encontrar no imaginário.

O sentido que primeiro os interesse não é esse sentido objectivo que surge progressivamente através das técnicas e construções racionais, antes é um pré-sentido e também um super-sentido fundado na experiência do sagrado. Seguidamente os homens sentem-se submetidos a regras que ordenam a sua existência social; quando se conformam com essas regras julgam que os seus actos tem em si próprios um sentido e crêem encontrar nelas uma consagração, tanto mais autêntica quanto mais as regras inse-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO



rem o acto no universo do sagrado: o fim dessas regras é simultaneamente a sacralização do acto e a organização da sociedade.

Que sucede com a sexualidade? O primeiro sentido dado a esse monstro, nos cultos félicos, consistia em o associar aos poderes cósmicos que orientam o *sabbat* ambivalente da vida e da morte: o surto do desejo do homem era a chegada dessa «*espantosa primavera que ri, viola, não se sabe donde vinda*», vinda das entranhas da Terra-Mãe, com um sabor com prenúncios de morte «*oh Morte, um terno rio, oculto sob as ervas*». A sexualidade tirava o seu sentido dessa dimensão cósmica pela qual o homem participe de uma vida que o ultrapassa. O acto sexual, por excelência, era aquele que o jovem casal realizava no campo que ia ser semeado ou então aquele que no templo era praticado pelo homem que se unia à prostituta sagrada.

Mas até esses actos eram regulamentados: tinham lugar em cerimónias que lhes exaltavam o sentido mas era também necessário que, no plano quotidiano, a troca de mulheres estivesse organizada: as regras de parentesco governavam também as relações sexuais. Não é, no entanto, certo que fosse essa a sua principal função e é possível que haja uma «*décalage*» entre a significação religiosa e a organização social, ou, mais exactamente, o que estava organizado não era tanto a sexualidade como tal, mas a permuta social; assim, no interior da instituição, o sentido sagrado era pressuposto e preservado.

A sexualidade foi, pois, significativa primeiramente na medida em que era sagrada; esta significação não a definia enquanto tal, transfigurava-a. Mas havia também uma sexualidade insignificante, vivida no profano e livre tanto de sentido como de regras. Georges Bastade demonstrou-o claramente no final do seu livro *Psychanalyse et sociologie*. Refute este ponto de essencial: é preciso que não julguemos que toda a vida primitiva era ordenada para o imaginário e controlada por normas. Há muito que os sociólogos aprenderam a distinguir entre o sagrado e o profano. Será preciso dizer que há sempre modos de se viver em paz com o céu? É indiscutível que houve sempre uma certa hipocrisia e a sociologia deve conceder-lhe o lugar que a fenomenologia de Sartre confere à má-fé, no entanto, julgo que, neste caso, não é bem da hipocrisia que é preciso falar.

Só há hipocrisia quando a consciência é Kantiana, quando assume uma regra que recebe ou que a si mesma se dá, regra que afirma universal, mas que afasta quando lhe convém ao mesmo tempo que a proclama para nela tirar partido. Neste caso, pelo contrário, havia duas coisas diferentes que não tinham o mesmo sentido e não estavam abrangidas pela mesma lei com que para nós estão. Talvez que essa separação de planos, esse lugar dado ao profano, foi fruto duma sabedoria primitiva: permita que a sexualidade fosse vivida espontaneamente, sem complicações homem-espírito. Feliz inconsequência dessa inconsequência.

Quando os arrebatamentos da imaginação se apaziguaram, quando o espiritual se distinguiu do vital, quando as religiões do espírito sucederam, como dizia Hegel, à religiões da natureza apareceu uma outra sacralização da sexualidade: em vez de estar ligada ao cosmos passou a estar unida ao amor. Não creio que o amor tenha surgido como uma

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO



sублиmação da sexualidade: foi pouco a pouco que a humanidade o inventou. Nas mitologias arcaicas não se encontra o seu rasto, sob nenhuma das espécies de paixão que um ser votava a outro, queimando-o ou devorando-o. É pouco a pouco que a intensidade espiritual se substitui ao frenes: vital.

O amor não é uma metamorfose de sexualidade, como não é um avebar da *libido*: Orfeu e Tristão não tiveram infância. Mas encontra a sexualidade e subordina-a — procura um meio de expressão e possuir o corpo é a certeza de possuir a alma. A sexualidade passa, pois, a ser significativa na medida em que é uma face do amor, por ele consagrada.. Importou-lhe menos a consagração social. Nem sempre a paixão é ratificada pelo casamento. O espírito transcende o social como transcende o vital.

Mas esta consagração espiritual é também equívoca, na medida em que o espírito pode igualmente recusar a sexualidade ou aceitá-la pela sua significação simbólica. Surge efectivamente, com esta concepção, um primeiro conceito de sexualidade que unificava o que até aí era vivido como diferente, ou sagrado ou profano, ou regulamentado ou livre. Mas não estava ainda longe o tempo em que a sexualidade fora sob certos aspectos significativa e sagrada e não era ainda possível objectivá-la num conceito que a profanizasse e a sustentasse como indiferente. O conceito que a subscreve é o conceito de carne, segundo o qual ela vai aparecer como suspeita, vergonhosa, indigna do espírito. Só muito depois Péguy irá dizer «*o sobrenatural é ele próprio carnal*». Simplesmente, o impuro é ainda uma categoria do sagrado. Consequentemente a sexualidade passará não só a estar unificado, mas a ser unificante. O sentido que vai ter é o de reunir e simbolizar tudo o que o espírito denuncia e condena, a tentação que incessantemente nos espreita.

Mas também agora havia que fazer concessões ao mundo: dar a César o que era de César, a Pan o que era de Pan. Era melhor casar do que arder vivo. A sexualidade vai pois ser permitida nos limites do casamento e para os fins da procriação. Salve-se a sua finalidade, sob a condição do seu exercício ser limitado. O casamento é um sacramento: a sexualidade dessacralizada recebe do sagrado uma nova legitimidade, sob a condição de aceitar o lugar e a função que o espírito outorga à carne.

Contudo, a desconfiança em relação a ela persiste. A carne é o terreno de eleição do pecado; um alibi cómodo para quem não quer correr os riscos que os profetas assumiam quando vociferavam contra a iniquidade. É menos comprometedor denunciar os «*bikinis*» nas praias do que um regime facista, menos comprometedor denunciar as casas de prostituição do que os campos de concentração; é mais fácil pregar a castidade do que a justiça. Tanto mais quando essa guerra de honra não perturba ninguém; a mais velha profissão do mundo tem visto outras.

Por outro lado, é certo que a dessacralização da sexualidade pode ser, sob certos aspectos, mistificadora. Não será necessário dizer que condenando-a, ou pelo menos condenando as suas práticas ilegítimas, se lhe concede demasiada importância? Logo, que se dissesse que uma dessacralização verdadeira era aquela que entregava a sexualidade ao profano, e a afirmava como indiferente, insignificante. Daí a falar de ninharia

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



foi só um passo: faz-se amor como quem pratica um desporto, como se lê um romance policial, sem motivo algum, por prazer, por que efectivamente isso dá prazer e porque simultaneamente se sacia um desejo que podia tornar-se obcecante. No que, aliás, prova já o homem a sua humanidade: como o disse Pradin??, o homem acaba por amar o prazer pelo próprio prazer e inventa técnicas de prazer que retiram a subordinação natural do prazer à necessidade. A inocência natural que o desejo amoroso podia reivindicar ao pôr-se em paralelo com a fome e a sede está, deste modo, comprometida. Não obstante, essa era ainda uma inocência animal e talvez seja também inocência, na inocência humana, o amor a amar.

Seja como for, é assim que as coisas se passam nas sociedades arcaicas em que a sexualidade perserva um sector de liberdade. É assim, para alguns, nas nossas sociedades modernas. Mas não o é para todos, já que as coisas não são tão simples e não o são por duas ordens de razões. Em primeiro lugar, porque o conceito de sexualidade foi unificado; já não é possível vivê-lo espontaneamente em dois registos diferentes e só o exercício legítimo é aprovado; todo aquele que reconhece esta lei, só pelo preço duma verdadeira hipocrisia pode tolerar, para si ou para os outros, um exercício marginal. Em segundo lugar, porque o amor foi inventado e o amor não cuida da lei, encontra-a por sua própria conta. O amor exige a fidelidade e sente af alta a ele como mentira ou traição. Não é já a sexualidade que é um todo, é o amor que quer tudo. De novo a sexualidade participa do sagrado, mas dum sagrado que se tornou privado, ético e já não religioso, só se abolirá se a consciência moral o consentir.

Simplesmente, a consciência moral vive hoje em contenda com a consciência científica. E esta propõe-nos uma outra vida, diferente da da prática libertina, para dessacralizar a sexualidade. Trata-se novamente de a pensar como um todo, mas já não para a exaltar ou condenar como a religião condenava a carne: em vez de se lhe procurar uma significação espiritual, busca-se-lhe uma significação objectiva. O que a define e unifica é o seu poder causal, os efeitos pelos quais se manifesta no comportamento individual e social.

É pois um acontecimento considerável que a sexualidade tenha passado a ser objecto de ciência. Antes de apontar as consequências de tal facto, indiquemos os motivos que para ele contribuíram. Inscreve-se este acontecimento num contexto ordenado à supremacia do *cogito*. Deixa o espírito de se conhecer na paixão, para passar a conhecer-se no pensamento: descobre-se como natureza intelectual, independente de direito do físico e do vital, capaz de reivindicar-lhes o primado. A vontade de se tornar senhor e possuidor da natureza acha o seu prolongamento no controle dos nascimentos: porque razão é que o ser que pensa e utiliza o determinismo físico se iria submeter às leis da fecundidade natural? Porque razão haveria de sofrer a lei do máximo se pode assegurar-se do óptimo? Acresce que a vontade de poder se uniu à vontade de lucidez que denuncia os prestígios das superstições. O *cogito* triunfa e ao triunfar corta o nó górdio da sexualidade que a ética e a religião conjuravam em rodear de mistério.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

A sexualidade deixa, nesta perspectiva, de ser o insignificante, para passar a ter uma significação objectiva, estabelecida pela ciência. A ciência, ou seja a medicina para a qual não há doenças vergonhosas; a ciência, ou seja a psicologia para a qual não há segredos; a ciência, ou seja o Relatório Kinsey para o qual não há vida privada. Através destas abordagens, a sexualidade torna-se simultaneamente algo de demasiado simples e de demasiado vasto. Reencontra uma universalidade, mas o conceito deixa de ser algo tratado em compensação como quando se tratava de carne, para ser tratado em extensão. A sexualidade é uma chave que abre múltiplas portas, graças aos mecanismos psicológicos que acciona e aos aspectos culturais que inspira.

Mas ao alargar desse modo o seu domínio não ganha em significação. Antes pelo contrário, os fenómenos que através ela se busca explicar — seja a angústia de Mallerme por determinado traumatismo infantil, seja o capitalismo pelo estádio fecal da *libido* — correm o risco de perder, nele e por ele, a sua significação. Isto porquanto ela não é considerada como reflexo ou efeito de fenómenos que conservariam a sua especificidade e a sua irreduzibilidade, mas antes como uma causa, causa que surge como tanto mais actuante quanto mais simples é. O devir e afecção da *libido* facilmente se reduzem a esquemas elementares.

Simultaneamente, esta acção pode dar lugar a um controle e a uma terapêutica eficazes. A importância da sexualidade na vida pública vem do domínio que se pensa ter sobre ela, e, através dela, sobre numerosos fenómenos psicológicos ou até sociais, dificilmente domináveis em si próprios. Uma visita ao psiquiatra e todos os problemas estão resolvidos; um psicólogo na fábrica e os operários renunciarão às suas reivindicações. Esse é o poder imenso da ciência, da ciência que tudo pode...

Objectar-me-ão, e com alguma verdade, que caricaturizo. É exacto, e é-o porque a ideia da ciência promovida pelo *cogito* foi substituída por um mito da ciência, melhor dizendo, um mito na época da ciência, ou seja uma imagem degradada dele, e não uma imagem engrandecida ou nobilitada. Esta ciência mistificada e a técnica que suscita, retiram à sexualidade as suas dimensões vitais e espirituais.

Um outro problema se põe e esse é o de saber qual, pelo contrário, a responsabilidade que a verdadeira ciência tem nesta degradação. Talvez seja o castigo dum pecado de angelismo, talvez que a própria técnica traia a sua essência quando, como o demonstra Simondon, violenta a natureza e a vida em vez de manter com elas uma aliança desconcertante. Seja como for, a autêntica ciência tem outra atitude em relação à sexualidade e propõe-nos dela outra noção. Sem dúvida que antes do mais a pretende objectivar, e, neste capítulo, os inquéritos sensacionais e o vulgarização duma certa psicanálise não são meus em si. Não o são, porque o que é significativo nesses inquéritos não são os resultados (que já se conheciam ou pressentiam ao nível de intersubjectividade quotidiana), é a publicidade que lhes é dada, na medida em que esta força o segredo. A valorização do segredo é sempre suspeita e se o segredo pode ser refúgio do pudor ou mais simplesmente da discrição, pode ser também a fofa pantufa em que se ocultam os valores equívocos, pretexto para

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO





nos isolarmos e nos recusarmos. Por isso, é útil que esses recintos fechados em fermenta o inconfessável sejam arejados e iluminados. Mas a observação e publicação objectiva das manifestações e poderes da sexualidade não implica que o conhecimento deles seja objectivante, isto é não implica que se reduza todo o afectivo ao sexual e que se trate o sexual como um comportamento cujas leis podem ser determinadas e cujas constantes e médias podem ser calculadas. O que é contestável num empreendimento como o de Kinsey não é a representatividade das amostragens, é a própria ideia de generalizar o individual e, por conseguinte, de solicitar respostas a perguntas fechadas que não podem dar lugar à experiência singular e à vida sentimental do indivíduo. Pergunta-se-lhe, por exemplo, quantas vezes fez amor com uma mulher mas não se lhe pergunta se a amava ou se amava outra. Ora, se é vital que cada pessoa se saiba, em determinados pontos, semelhante às outras ou a outras, convém também que se saiba inimitável e insubstituível, na própria medida em que é responsável por si enquanto enfrentando um destino que é singular.

A ciência autêntica deu-se conta desta iredutível subjectividade da vida sexual. Só não supera a sexualidade da vida, nem a vida da consciência. A sua orientação fenomenológica indu-la a instaurar uma didáctica entre a ordem vital e a ordem humana. Só em Freud surgiu uma concepção senão didáctica pelo menos trágica da sexualidade: os *??*tares da *libido* atestam os esforços do indivíduo para se libertar da sua infância e tornar-se adulto e desenvolvem-se sob o signo dum conflito maior entre o instinto da vida e o instinto da morte. A sexualidade é, pois, problema para o sábio, porque é problema para o homem que a vive. E o sábio compreende que ele tenha podido ser associada ao sagrado, reconhecendo a razão dessas intuições primitivas que a ligam à força da vida e à força do espírito. Simultaneamente, e na medida em que constitui problema, deixa de aparecer como uma solução feita e largamente aplicável. Complicando-se, localiza-se e a sua extensão é ainda inversamente proporcional à sua compreensão.

Uma tal localização parece-me feliz. Se a sexualidade é mistificadora quando participa do sagrado, pode sê-lo também quando a ciência a dessacraliza e faz dela. uma banalidade. A sexualidade é, diga-se ainda, misteriosa, como tudo o que no homem se enraíza na natureza e o invoca para a liberdade. Creio, no entanto, que talvez se não deva fazê-lo suportar todo o peso do mistério dos humanos e conceder-lhe privilégios exorbitantes. Essa é tentação e que uma tomada de consciência ainda recente acaba por induzir a reflexão.

Penso agora em termos éticos, mas não sei como evitá-los. Não esqueçamos que Kinsey, professor de biologia, procurava normas com o rigor dum puritano. Os psiquiatras são técnicos da moralidade e são também e muitas vezes sem dar por isso, por culpa duma psicologia de psicologia, campeões do mais tradicional moralismo. Aliás, toda a reflexão sobre a sexualidade toca imediatamente as raias da moral. Ainda qui, a sexualidade é tentacular. Foi a preocupação número um de uma certa ética, antes de ser o conceito número um de certa antropologia. Para

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO



terminar, queria fazer breves considerações sobre este ponto.

Primeiro, creio que, se há uma ética de sexualidade, não se pode dizer que a ética possa e deva construir-se a partir da sexualidade: seria desconhecer ao mesmo tempo a especificidade da experiência moral e a autonomia do *cogito* moral. No entanto, não é impossível que a ética seja de facto uma sublimação, o produto e a caução deste combate que em nós travam o instinto da vida e o instinto da morte através das peripécias duma afectividade sempre ambivalente. Daí resulta que esta se sinta sempre como que fascinada pela sexualidade e pronta a reprimir as suas fantasias e espontaneidade. Podemos perguntar se um certo puritanismo não está indelévelmente ligado a ela como o inquisidor está ligado à feiticeira, ou o carrasco à vítima. Podemos perguntar se mesma quando se subordina a sexualidade à procriação não se manifesta disfarçadamente um instinto de morte. Apetecia-nos então absolver a sexualidade e conceber, como disse Hesmond, uma moral sem pecado.

De direito, todavia, a ética é autónoma e a sexualidade está submetida a normas: a ordem dos valores, mesmo se se enraíze-se na vida, por isso mesmo que dá um lugar ao vital, não pode subordinar-se a ele.

Que poderá ser, pois, uma ética da vida sexual? Cabe a cada um inventá-la por sua própria conta, conforme os problemas que lhe põe a violência do seu desejo, o gosto pela aventura, a preocupação com a fidelidade conjugal, todas as peripécias da existência intersubjectiva. Só conheço uma lei moral que pode reivindicar a universalidade e forçar o respeito e essa é a que, em Kant, reflectiu a sua própria universalidade: age de modo a tratar em ti e nos outros a pessoa humana como um fim nunca como um meio.

Esta máxima pode também governar a sexualidade. Governa-a de muito alto? É verdade, mas tanto melhor. Porquanto, e quanto mais não seja para promover a sua dignidade e evitar o contra-ataque que nesta linha esboçamos, talvez convenha que a ética não dê demasiada atenção à sexualidade e não pretenda exercer sobre ela um demasiado controle. Talvez que a sexualidade nem sempre seja inocente, mas pelo menos, é na maior parte dos casos, inofensiva.

O mais seguro meio de a desarmar não é o denunciá-la como o mal, mas antes propor aos homens outros adversários a combater e outros valores a servir. Denunciar a ambição, a violência e a iniquidade, exaltar a justiça e a tolerância, nada adianta, é evidente, aos problemas da sexualidade, mas, pelo menos, situa-os e confere-lhes uma dimensão intelectual e moralmente mais sã. O que é preciso condenar é a violência exercida pelo «*souteneur*», ou pelo cliente dos «*ballets roses*» que corrompe os menores, o que é preciso condenar é a hipocrisia e a iniquidade de um regime social que perpetua o que condena. Se há um problema ético da sexualidade, ele é também, e talvez primeiramente, um problema político.

MIKEL DUFRENNE

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em/ 9-8 /65

Prova n.º 9.

Saída em 28/6/65



FRANÇA: ELEIÇÕES EM DEZEMBRO

DIZER em França que a política está de férias é um lugar comum. Na realidade é a calma que precede a tormenta ou o «repos du guerrier» e será também para muito o amadurecimento de uma derrota, uma simples pausa, enfim o desfazer de um projecto que foi a Federação Democrata Socialista. Ideia vaga ainda que vive no espírito de todos aqueles que pensam numa nova esquerda ou num trabalhismo Francês, que suplante as divisões de partidos políticos envelhecidos, que se consigna após a curto prazo ao conservadorismo esclarecido do general De Gaulle, e a longo prazo... mas não divaguemos, a Federação falhou, Gaston Defferre perdeu, a concretização da ideia surgiu talvez cedo demais e falemos primeiro do general. Que pensa que vai fazer o gnral, o silêncio rodia De Gaulle porque o imprevisto é a sua maior arma diz-se.

De Gaulle que combateu arduamente pela modernização do exército Francês, contra Gamelin, e a estratégia da linha Maginot. De Gaulle que teve a coragem de encarnar a França Livre e combatente, arrostando com um condenação à morte. De Gaulle lúcido que surtiu o impasse que era o parlamentarismo da 4.ª República. O conservador que em política externa destrói as alianças militares, que fala no prestígio e independência da França e permite a sua colonização económica pelos Estados Unidos. De Gaulle dos contrastes e das contradições que viveu obcecado por uma ideia «*Il n'y a pas de France sans épée*». A sua passagem será um ponto final numa época tristemente grande, o seu nome será sempre recordado ao lado da França que ele amou. A ele se aplica sem dúvida uma das passagens do «*Le fil de l'épée*» — «*Le fait est que certains hommes rependent, pour aussi dire de naissance un fluide d'autorité dont on ne peut discerner ou juste en quoi il consiste, et dont même on s'étonne parfois tout en subissant ses effets*». Só por si é um fenómeno político do nosso tempo.

Mas a vida da França e dos Franceses continua, e há descontentes, o custo de vida sobe, o plano de estabilização não resultou eficazmente, o futuro político é uma incerteza porque ligado a uma personalidade era necessário estruturar-se uma oposição, e surgiu o nome de Defferre, e a esperança da grande Federação, englobando Democratas Cristãos, Radicais e Socialistas. Mas o espírito dos partidos ainda estava suficientemente vivo e os «caciques» ainda muito cheios dos seus antigos vícios. Não houve possibilidade de entendimento; A grande Federação sucumbiu, o gaullismo marcou pontos.

Falou-se e discutiu-se uma pequena Federação Socialista. Mas ao Francês eleitor tudo isso são bizantínicas de gabinete. Já ninguém deseja as intrigas e as questões de uma 4.ª República, quer queiram, quer não os adversários de De Gaulle,

SERVIÇOS DE CENSURA
(6601E)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 9-8 65

Prova n.º 10

Saída em 28/6/65



este imprimiu uma dedada muito forte nas instituições políticas da França. Algo de novo terá de surgir, mas não o parlamentarismo da 4.ª República; e afastado o fantasma sombrio do poder pessoal, e as questiúnculas e quesílias de partidos fossilizados, talvez a França possa ensaiar mais um vez um novo sistema de Democracia, o que não deixará de ser uma constante na sua história.

Assim hoje qual o caminho que nesta oposição, se não quiser ser simplesmente um agrupamento de «nãos», se não quiser incorrer no desprezo dessa juventude, que forma o contingente entusiasta dos clubes socialistas.

O caminho Defferre era um, um centro progressista que deixava de fora os comunistas; Surgiram tradicionais empecilhos, o ensino, o laicado, e tantos outros que denunciavam os Democratas Cristãos do M. D. P. e arriscavam a Federação a ser tudo menos Socialista (a palavra socialismo era sempre empregada cautelosa-mente...) e no entanto poder-se-á honestamente falar em Socialismo sem incluir o Partido Comunista, quando este representa metade dos Votos da Esquerda?

Por certo que não! Porém a culpa não será sua? Não terá que abandonar o seu «espírito de ghetto», compreender as transformações do mundo de hoje.

Além disso encontra-se no impasse criado pela política externa do general De Gaulle, que no Ocidente é o mais seguro interlocutor da União Soviética; mas o P. C. Francês terá de compreender, que também é Francês, que terá de integrar-se na vida política da França por dentro, e não externa e isoladamente apontando o seu candidato, sem possibilidades de vitória. Ao modernizar-se talvez o P. C. Francês podem trazer algo de novo à ideia de um trabalhismo verdadeiramente socialista e democrático.

Porém, com os dados presentes isto seria uma ideia «impensável» a Federação de Socialistas e Comunistas, era a vitória fácil do general De Gaulle. O centro Anti-Gaullista pensaria que «entre dois males o menos» e votaria no general; Assim estrategicamente e tendo como objectivo Dezembro a ideia Defferre era boa, mas no futuro como poderiam entender-se Socialistas e não-Socialistas; a Federação era um entusiasmo relativo e com certeza um equívoco, obedecia no dizer de Sartre à «chantagem gaullista».

Assim é provável que em Dezembro De Gaulle ou o candidato gaullista seja o vencedor, contra uma grande massa de abstenções e desinteresse (no entanto prever é errar) e talvez o futuro possa ver nascer um grande Socialismo Democrático, que não seja Federação, que ponha fim ao escândalo da Esquerda, que traga em si o espírito de Jean Jaurés.

J. C. C.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

